

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

WILSON PINTO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – Wilson Pinto (WP)

Entrevistadores – Ricardo Augusto dos Santos (RS), Jaime Benchimol (JB) e Eduardo Thielen (ET).

Data – 31/01/1989

Local – Sem informação

Duração – 1h30min

Responsável pela transcrição - Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel e Poliana Orosa

Responsável pelo sumário - Poliana Orosa

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PIN|TO, Wilson. *Wilson Pinto. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 1989. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 47p.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Entrevistado comenta sobre as pessoas com as quais teve contato dentro do Instituto Oswaldo Cruz, dentre elas estão Bertha Lutz e seu pai Adolpho Lutz; comenta sobre o nascimento de seu pai J. Pinto, as casas por onde morou e a ida para Manguinhos; sobre a passagem breve de seu irmão Milton Pinto como fotógrafo na Fiocruz; sobre a morte de seu pai em 1951 e também de sua primeira esposa; dá detalhes do temperamento de seu pai e também do equipamento que utilizava como, por exemplo, sua máquina fotográfica, uma Leica 35mm e também sobre os relacionamentos em Manguinhos; processo de trabalho de fotografia dentro de Manguinhos e também fora; ações políticas de seu pai e detalha aspectos sobre as memórias da revolução de 30; reconhecimento de fotos propostas pelos entrevistadores e localização do laboratório de J. Pinto; fala sobre as memórias afetivas de seu pai e de sua mãe Isaura da Costa Silva; comenta sobre a aposentadoria e afastamento de J. Pinto de Manguinhos devido a uma hemiplegia e também o salário da época; as idas para Manguinhos com o pai e o irmão e a rotina de seu pai até a Fiocruz.

Fita 1 - Lado B

Depoente fala sobre foto teleobjetiva feita por seu pai J. Pinto em Manguinhos que alcançou até o Corcovado; fala de outra imagem feita do alto de uma chaminé em Manguinhos; sobre a trajetória do pai desde de seu nascimento em Alagoinhas, Bahia, seu desgosto pelo nome Joaquim, fato que o fez adotar J. Pinto, até sua vinda ainda adolescente para o Rio de Janeiro e a chegada em Manguinhos onde já entrou como fotógrafo; aprendizado de J. Pinto em microfotografia ensinado por Oswaldo Cruz e tendo trabalhado exclusivamente em Manguinhos; período de trabalho de seu irmão Milton Pinto, na Fiocruz; lembrança da amizade do pai com Cardoso Fontes; o laboratório de J. Pinto, seu trabalho em Manguinhos e o processo de microfotografia implantado por ele; lembranças de seus irmãos e período de trabalho de sua irmã Zeni Pinto da Silva, em Manguinhos; comentários sobre a amizade de seu pai com Carlos Éboli e menção a filme feito por J. Pinto sobre Manguinhos; referência das visitas de Adolpho Lutz à sua casa e às caçadas de rã em brejos no Méier; a participação de J. Pinto em expedição científica à região do Rio São Francisco; referência a Dr. José Teixeira, que o tratou de uma doença venérea.

Fita 2 - Lado A

Referência ao colégio onde estudou na infância; comenta o fato do pai não ter mantido atividades como fotógrafo fora de Manguinhos e ter apenas feito fotos para título eleitoral; mostra à equipe a certidão de batismo de J. Pinto e também a certidão de óbito de sua esposa Isaura; início do depoimento de D. Elza, também filha de J. Pinto que comenta da saudade do pai e de suas viagens à Minas Gerais com Carlos Chagas; breve comentário sobre o trabalho de sua mãe Isaura, como professora de piano; alusão a amizade de J. Pinto e Oswaldo Cruz; menciona o período de trabalho de sua irmã Zeni na Fiocruz; menção a Walter Arouca e alguns médicos que conheceu por meio do trabalho de seu pai no IOC; apresenta algumas fotografias antigas e menciona sobre um , desenhista do IOC, contemporâneo ao pai; no decorrer da

entrevista, o depoente telefona para o mesmo e convidá-lo a depor para a equipe; alusão a doença de seu pai e também ao seu temperamento.

Fita 2 - Lado B

- Não há gravação.

Data: 31/01/1989

Fita 1 – Lado A

R1: Como é aquele remédio?

R: É, é remédio.

R1: Clorofórmio?

R: Não.

R1: Como era o nome daquele? É um remédio assim... ¹

R: Não é. Clorofórmio é outra coisa.

E: É pra dopar você?

R: Não, pra dopar não.

R1: Não! Pra queimar lá o negócio.

WP: Pra queimar, tá entendendo? (Risos de todos) Esse negócio aí. Antigamente... (inaudível – falam juntos) Nesse tempo eu conheci a Bertha Lutz também, era filha do Dr. Adolpho Lutz. Era ela, o Gualter, Gualter Lutz, deve ter morrido já, ele era médico legista, ele também tinha curso de lá.

JB: Esse Teixeira que você fala...

WP: Teixeira era médico.

ET: Essa expedição que a gente está perguntando... Quem chefiou foi o Adolpho Lutz.

WP: É? Ah, ele era o tal.

ET: Será que não poderia ter sido ele?

EP: Eu não sei, sei que a minha sogra falava muito... Nessa viagem eu ele foi e que deixou ela com um monte de menino...

WP: Não, foi antes d'eu ter nascido, né?

EP: Ele não era nascido ainda não.

WP: Mas, o que mais?

JB: O seu pai morreu no Méier.

WP: No Méier. Rua Jacinto, 67.

MP: Quando Glauber morreu... Quando nasceu...

WP: Não! Não. Eu nasci no Méier.

MP: Escuta! Quando teu pai casou... Os pais dela não queriam...

¹ Com participação da irmã, Marieta Pinto (MP) e breve depoimento de sua irmã Elza Pinto (EP).

WP: Ah...! Marieta, pega aquela...

R1: Escuta, Wilson!

R: Tem uma certidão de batismo dele.

EP: Os pais dela, da Dona Isaura, não queriam o casamento...

WP: É, porque ele era pobre.

R1: Porque ele não tinha futuro, porque ele era pobre.

WP: Era um fotógrafo, um simples fotógrafo.

R1: Então o que fez...

R: Meu avô era dentista.

R1: Então o que ele fez? Com o primeiro ordenado lá ele comprou as alianças e alugou quarto.

R: Ele carregou... Ele morava ali na Ladeira.

R1: Na Praça Tiradentes, não foi?

R: Não, mas antes ele morava na Rua do Livramento. Apanha ali naquela...

R1: Ali o quê?

WP: Aquela coisa que tem umas certidões dele. Tem uns subsídios dele.

EP: Qual?

WP: Certidão de casamento dele.

EP: Naquela época?

WP: Tem. Tem a certidão de batismo, que antigamente não havia...

JB: Mas ele morou antes na Ladeira... Você diz que antes de morar no Méier ele morou na.... Aonde?

WP: É. Na Ladeira... É na Saúde, né? E o meu avô morava lá na Praça Tiradentes, naquela época; Largo do Rocio que chamava.

JB: Hum-hum. Mas aí ele se mudou pro Méier quando casou? Depois de casado?

WP: Não, não. Não, não. Ele morou... Antes dele ir pro Méier, eu sei que a casa que ele tinha parece que era no Lins, já depois. E ele morou em várias casas alugadas, né? Ele juntou um dinheiro e comprou uma casa por 11 contos, contos de réis. E depois, juntando dinheiro ele morou lá parece que... foram uns anos, né? Aí mandou fazer essa aqui.

JB: Isso foi em [19]24?

WP: Não.

JB: Em 1900 e....

WP: [19]27. Em [19]26 ele comprou o terreno. Aí era um, aqui o outro. Comprou o terreno e mandou construir essa casa. Só que tudo era um porão só, uma coisa só.

JB: O senhor sabe quem foi que fez o projeto dessa casa?

WP: Tem aí, Marieta?

Marieta: Oi?

WP: Volta aqui. Vem cá!

JB: O senhor não chegou a conhecer o arquiteto lá de Manguinhos não? O português, o Moraes?

WP: Ah, o construtor daqui foi o Neves.

JB: Ah, então não é não. Eu pensei que poderia ser o cara lá de Manguinhos.

WP: Não. Não, era não. Bota uma cadeira aqui, Maria.

E: (Risos)

R1: É o baú da felicidade (cantarolando).

WP: Cadê meus óculos?

JB: Wilson, ele alguma vez viajou para o exterior?

R: Eu?

JB: Pra Alemanha. Seu pai?

WP: Não.

JB: Não?

EP: Que eu saiba não também. Porque minha sogra conversava deles comigo, nunca falou não.

WP: Apanha uma outra cadeira que eu vou tirando e botando na outra cadeira.

JB: E o você lembra de um cara chamado Basílio Aor? O filho dele trabalhou lá em Manguinhos, era o Hamlet William Aor.

WP: Não.

JB: Hamlet, que trabalhava com vidro, fazia peça de vidro.

WP: Apanha a cadeira, Maria. Não, esse eu não me lembro não. Acho que não. Nunca ouvi falar nesse nome.

JB: Quer dizer que teve um irmão seu que trabalhou lá.

WP: Trabalhou.

JB: Como era o nome dele?

WP: Milton.

JB: Trabalhou como fotógrafo?

WP: Fotógrafo.

JB: Substituiu o teu pai lá?

WP: Não, não chegou a substituir não. Ele foi de lá para a penitenciária.

JB: Trabalhar como fotógrafo também?

WP: É. Me dá os óculos, Marieta.

ET: O senhor sabe quando foi isso, quando que o Milton trabalhou lá Fundação, no IOC?

WP: Foi mais ou menos... O Milton foi mil.... Não, mas está no... Foi depois do ginásio.

JB: Já na época do Vargas ou antes?

WP: Por aí assim. Por aí assim.

ET: E depois que J. Pinto saiu de lá, o Milton continuou, não?

WP: Não, ele saiu antes.

JB: Saiu antes do J. Pinto. O J. Pinto até morrer ele trabalhou lá, Wilson?

WP: Não, estava aposentado, né? Parece que descobriu.... Isso é cisma minha. Parece que num dos exames que ele fez, descobriram uma cardiopatia, né? Aí parece que apressaram a aposentadoria dele e ele morreu daquilo...

JB: Ele morreu com que idade?

WP: Eu já ultrapassei a idade dele, ele morreu com 67 anos.

JB: Então foi 1876 a 1943?

WP: Se dava com todo mundo. Ele era um cara... Só tinha uma coisa, ele não dizia palavrão, nada disso.

JB: Você lembra que ano que ele morreu?

WP: Ele morreu.... Eu tenho a certidão de óbito dele aqui. Espera aí.

ET: 51?

JB: Pelas minhas contas em [19]43.

WP: Não, ele morreu em [19]51.

JB: Em 1951.

WP: O meu sogro morreu em [19]41. Ele morreu em [19]51. – (Parece que se referindo a uma foto) É a minha primeira mulher... – Morreu em 1955. Meu sogro criou.... Depois eu me uni a ela, que ela era casada e separada, depois há uns sete anos. Vivi com ela 32 anos. Há uns sete anos eu me casei. Tanto que ela teve o Amaury, meu filho com ela, ela tem do primeiro marido o Paulo, que é até meu filho, eles são unidos, né? E eu tive também uma.... Sabe como é a vida, né? Eu tive uma dona aí novinha e tal e ela foi embora. E eu tenho um filho com ela, está lá no Paraná. Que mais vocês querem perguntar?

JB: Eu queria que você falasse mais assim das atividades do teu pai que você lembra.

WP: Ah, ele era....

JB: Dos acontecimentos. Stop 8 minutos

WP: Era durão, né? Era moralista. Aquele negócio da moral é uma plantinha que eu criei é só minha e tal. Ele era assim daquele tipo. Não dizia palavrão. Um dia ouvi ele falando assim, (inaudível) que dizia mesmo que ele não gostava de dizer palavrão não.

Não, aquele negócio, ter filho naquele tempo era uma coisa louca, né? Tinha que ser, né? Hoje que a coisa está mais ou menos aberta, né? Ventilado.

E: Você chegou a acompanhar o trabalho do seu pai?

R: Hein?

E: Você chegou a acompanhar...

R: Cheguei.

E:

R: Você saberia dizer o tipo de equipamento que ele usava, essas coisas assim?

E: Não, a máquina que ele tinha era uma Leika.

E: Desde o princípio?

R: 35 mm. Não, ele usava muito aqueles tipo lambe-lambe também, né? Aquelas máquinas que eram montadas. Eu destruí tudo. Né? Coisa de garoto, né? Pra ver como é. Sumiu muita coisa. Lá tinha ampliadores grandes também. Sempre fazia alguma coisa aqui. Uma coisa também que eu nunca mais vi era um cara que gostavam muito dele também... Ele era... Como se dá o nome de uma pessoa que frequenta, ali tira... Estava tirando curso lá em Manguinhos, um médico. Dr. Konda, um japonês.

E: Um japonês?

R: É. Konda.

E: É?

R: Lá tinha muito disso. Estagiário...

R: Daqueles cursos de aplicação que tinha lá?

R: É deve ser.

E: Hum-hum.

R: Eu tinha um primo também que já é morto, que ele era... (Inaudível) Ele era veterinário. Ele tirou aquele curso. Também tinha um outro primo também que foi diretor daquele Instituto de Biologia do Exército.

E: Sei.

R: Pois é, ele foi diretor, o Aníbal. Aníbal Medina, era primo dele também, tirou aquele curso lá.

E: Você lembra a época que o Konda estava no instituto?

R: Isso foi... Eu estava mais ou menos... Uma coisa assim... Era 1900 e... Foi na época do Vargas, mais ou menos.

E: 30?

E: 40?

R: É. 30 e... 33...

E: E era comum?

R: Hein?

E: Pesquisadores japoneses... Teve ideia disso? Conheceu alguns?

R: Ah, eu conheci o Konda, né? Até outro dia, tem um político aí com esse nome, Konda. É com k.

E: Hum-hum.

R: Aí eu me lembro que ele até conservava aquele negócio da religião budista dele, né? Ele perdeu (Inaudível) ...coisas assim, né? Um filho morreu ele ainda fazia lá aquele negócio de botar goiabada no caixão - Era um médico - Botava goiabada no caixão.

E: Goiabada no caixão?!

R: É. Usavam muito aquilo, era comum. Achava que o espírito do cara tinha fome, não sei o que e botava um prato no caixão. E eu sei que lá havia isso, o ritual deles, né? Era pro garoto.

E: Voltando aqui, o senhor estava falando do equipamento fotográfico dele.

R: Hum.

E: O equipamento era do J. Pinto mesmo ou era da Fundação?

R: Não, ele trabalhava lá com equipamento da Fundação, mas ele tinha coisas dele aqui.

E: Ele não revelava aqui também? Ele não tinha laboratório?

R: Revelava. Até eu revelei.

E: É?

R: É. Mas quem trabalhava mesmo era meu irmão. Eu era um curioso que metia a tudo, né? Eu sempre me metia. Eu fiz de tudo. Esse quarto, aquela parece quem levantou fui eu. Eu fiz o banheiro daqui. Eu mesmo fiz. Ah, nesse ponto eu puxei a ele! O velho também fazia de tudo.

E: Ele fazia de tudo?

R: Ah, tudo!

R: Ele gostava de construir?

R: Gostava de uma horta.

E: Era?

E: Gostava. Eu me lembro que quando eu entrava no pau... né? Ele me batia, então tinha aqueles canteiros... Canteiro ele tinha desde o Méier, gostava daquele negócio todo que tinha lá, umas couves lá. Então eu me lembro quando ele me batia, ele corria atrás de mim, (Rindo) enquanto ele ia rodear o canteiro eu passava naquela cerca, com aquela botina em cima das couves deles. (Rindo + inaudível)

E: (Risos)

R: Aí eu me lembro. Eu fui levado. Aqui tinha uma casa, não sei o que... (Inaudível) Alguém que tivesse na minha frente eu dei um pontapé na calha, a calha desceu... Eu apanhei pra burro. (Risos) Ele não podia com a minha vida. Quando eu estava chegando da farra ele... Uma vez ele

ia comprar carne. Às vezes quando eu vinha... Ele tinha muito... Enervava muito, né? Então às vezes eu chegava, vinha aqueles óculos dele assim... Ih! Vou entrar no pau! Aí ele ficava: “Entra.”. Aí eu ficava. De repente eu dava um lesa nele... Quando ele... Pou... Jogava o que tivesse em cima.

E: (Risos)

R: Você apanhava também, não?

E: Claro! Quem não apanhou?

R: Naquele tempo não tinha... Hoje é que... Hoje não manda... Qual é o nome...

E: Márcia.

R: Márcia. O Marcinha, a maior besteira que há, eu acho é a mulher deu que pra ser macho, ela tirou todo o jeito... Então o marido de hoje como ele não pode com a mulher, ele largou pra lá, largou. E ela ficou criando os filhos sozinha. Por isso que dá muita bichinha por aí, né?

E: (Risos)

R: O cara bota brinquinho... Isso é coisa de mulher. Eu não sou machista não, mas eu sou realista, viu? Mas é uma verdade. Isso daí não é bom não, o negócio é bola dividida mesmo, né? Tem que ser na camaradagem.

E: (Risos)

R: A gente briga. Eu sou ruim de coisa, porque eu tenho a língua muito solta, né? A gente briga e tal.

E: Wilson, você falou que seu pai era governista.

R: Ih, rapaz! Ele era político.

E: É?

R: Eu me lembro, nunca, nunca ele... Ele é sempre pro lado do governo.

E: E depois de 30?

R: Também, ele era.

E: Continuou?

R: Continuou. Ele não... 30 foi quando eu tinha 12 anos. Aquele negócio do governo, aquela Revolução. Eles prometeram amarrar os cavalos no obelisco que tinha, né? No fim da avenida... Tem até hoje. Eu me lembro que (Inaudível), eu era garoto, tinha a tal brigada gaúcha, quando aqueles caras todos que ficavam ali e eu ia lá, a gente matava aula, né? Tinha até um... Vários colegas meus. Um deles hoje é tenente brigadeiro, o cara é posto de ministro... Está em casa. Gosto dele, até hoje mantenho amizade com ele. Tinha o Zé Coutinho também que era outro que foi general. E... Mas eu lembro que eu era garoto eu ia lá na brigada gaúcha eles davam uma porção de bala de fuzil pra gente. A gente voltava com aquele negócio, satisfeito com risco, né? É isso. Que mais? Quem pergunta? Marcinha, você não perguntou nada. (Rindo) Eu estou aqui no Pelourinho.

R3: (Rindo) Estou observando...

R: Ta.

E: O senhor poderia reconhecer umas pessoas nas fotos?

R: É. Me mostra. Pra você (Inaudível) Cadê meus óculos?

E: Está na sua cara.

R: (Risos) Deve ser que ele está ficando fraco.

E: (Risos)

R: Você viu algumas coisas de lá?

E: Wilson, alguma vez seu pai comentou porque o Oswaldo Cruz cismou de brotar aquele estilo de mourisco árabe lá naquele Castelo?

R: Ah! Aquilo ali foi uma escolha dele, porque ele teve a verba para fazer, aquilo foi do modo dele.

E: Essa foto montagem aqui, foi ele que fez, não?

R: Foi. Ele...

E: E não é a imagem dele?

R: É. A do prato também era ele.

E: Do prato é ele, né?

R: É, o prato comendo a cabeça dele.

E: A cabeça dele, né?

R: É.

E: E essas pessoas?

R: Ele.

E: Ele também, né?

R: Era ele.

E: (Inaudível)

R: Num prato, a cabeça comendo ele. Muito comentada essa fotografia. Todo ano ele fazia. Essa criança esculhambada sou eu.

E: O senhor?

R: É. Esse aqui. Carnaval, eu era doido por carnaval.

E: É nessa casa aqui?

R: Era. Olha ela ali, ó.

E: Hum-hum. E aqui?

R: Ah, era meu pai!

E: Seu pai?

R: É. Engano meu, eu não sei se era. Esse aqui é um primo dele da Bahia, era médico. Essa aqui era a turma lá de casa. Você vê a casa com era simples, né? Era...

E: Quem são? São seus irmãos?

R: Eu... Cadê eu? E com uma cara assim... Eu, Milton, minha mãe, Elza, a mais velha, bonita. O Zeny parece com uma índia bororó. A Ilda que morreu.

E: Morreu essa?

R: Morreu essa. O bebezinho aqui já está com 70 anos. Veja você, né? (Risos de todos). Olha aqui eu também. A Elza, a Elza. Olha aqui, ó, ó Marieta!

R1: Oi!

R: Vem cá.

E: Ah, ele tinha esse microscópio aqui?

R: Tinha, dele... (Inaudível) Eu comprei e vendi.

E: Porra, Wilson! Você hein?

R: Ó meu filho.

E: Seu filho? Rapagão, hein?

R: É. Ele é engenheiro operacional.

E: Os mais íntimos do seu pai, de amizade mesmo.

R: De lá?

E: É. Fala amizade assim.

R: Não, tem... (Inaudível muito baixo e resmungado.) Né? É o tal negócio, você... Eram amigos, comiam juntos, brincava muito, mas amigos de trazer pra casa e tal, não.

E: Ele quando se aposentou o diretor era o Cardozo Fontes ou já era o Aragão?

R: Já era o Aragão.

E: Foi na época do Aragão que ele se aposentou? Ele gostava do Aragão?

R: Gostava.

E: É? Respeitava ele.

R: Respeitava, tinha que respeitar, ele se enquadrava, né?

E: E até o fim o laboratório dele era lá na torre?

R: Era. Até se aposentar, né?

E: Hum-hum. Você sabe quem ocupou o lugar dele depois?

R: Olha, eu sei que teve um médico no lugar dele.

E: Como fotógrafo?

R: Como foto... (Inaudível - resmungado).

E: O senhor conheceu o Gerson Muran?

R: Hein?

E: O senhor conheceu o Gerson Muran?

R: Não, não me lembro não.

E: Somente Manguinhos, é?

R: Não.

E: Nem uma revista, nada?

E: Não, não. Ele fez aquilo, quando acabou foi pra lá. Vivia daquilo. – Esse aqui meu filho quando era pequenininho. Era lourinho.

E: Ele ganhou algum prêmio como fotógrafo?

R: Ele era bem relacionado. Até ele conseguiu pra mim um emprego lá com o Luiz Fernando, que ele comprava. Era ele que comprava. Passava pra ele a verba, né? E ele ia comprar do Luiz Fernando, essas coisas assim e tal, ele se dava com aquele pessoal.

E: Hum-hum. Você conhece assim gente que ainda esteja viva que tenha convivido muito com seu pai que pudesse falar dele também?

R: Se o velho fosse vivo estava com cento e...

E: Mas ele teve, por exemplo, algum auxiliar lá? Alguém auxiliando ele?

R: É. 103 anos. Minha mãe era mais velha que ele dois anos. Eles se amavam, rapaz! Poxa, vida!

E: É?

R: É. Sabe o que é amor mesmo? Aquele amor. Meu pai era amor que a confissão da minha mãe... Sempre eu tenho essas coisas, eu sempre fui esculhambado, ela sonhava que estava tendo relação sexual com meu pai, meu pai morto. Isso que é amor, né? O baixinho não era mole não.

E: Como é que ele era fisicamente?

R: Olha, a estatura dele é mais ou menos a minha, né? Ele era baixo e forte. Tinha um... Entendeu? Cadê? Deixa eu pegar a fotografia...

E: Aquela que ele apanhou?

R: É.

E: Espera aí.

R: Uma que está meio castigada, né? Essa aqui.

E: É.

R: Não sei de nada aqui. Já não lembro mais. E (Inaudível + interrupção)

R1: Ela disse que é para esperar um pouquinho que ela vai ter que vir aqui. Agora tem que ter paciência com ela, que ela...

R: Deixa que eu desenvolvo.

R1: Tem que puxar por ela e perguntar pra elas as coisas. Tem que ter paciência com ela, porque é tanta coisa. Ela além da idade. Ela diz que já morreu para esse mundo, agora está noutro.

R: Ah é.

E: (Risos) E seu pai se aposenta e deixa de frequentar o Instituto ou continua indo ao instituto?

R: Quem?

E: Teu pai.

R: Não, o meu pai nunca mais foi. Dificuldade, ele teve uma hemiplegia, né?

E: Ele se aposentou por causa de uma cardiopatia, né? Que o senhor disse.

R: Foi. Cardiopatia que hoje eu tenho.

E: Ah é?

R: Eu tive, mas no meu caso foi um... Eu sempre fui um (inaudível)... também, né? Eu comecei a fabricar um.... Como é o nome disso? Tipo detergente, né? Eu tinha uma mistura de formol com amônia e fui aspirando aquilo em 6 meses, isso transformou. Atacou as células. Sim, foi para a intimidade da célula, eu sei que de repente se transformou num troço de valor.

E: Você fabricava aqui mesmo?

R: Fabricava.

E: Poxa! Devia ser uma catinga dos diabos, hein rapaz?!

R: Ah! Amônia, né?

E: Amônia e formal?

R: E formol. Não, não era formol, era amônia e.... Era formol. (inaudível – interrupção) Parece que é o Belisário Pena.

E: É.

E: É.

R: A letra dele era trêmula, né? Era Belisário Pena. Olha a foto do velho!

E: O salário que ele recebia lá, era um bom salário?

R: Não. Eu me lembro que ele ganhava.... Depois é que ele passou a ganhar um conto de réis naquela época. Ele morreu ganhando um conto de réis.

E: Isso era...

R1: Era um dinheirão.

R: Não, acho que não.

R1: Não, mas um conto de réis. Essa casa aqui foi 27 contos. Foi 27 contos.

R: Ah! Papai juntava 50 mil réis para comprar isso.

R1: Como que era aquela história de quando tu ia lanchar lá em Manguinhos? (Risos)

R: Ah é! Tem isso. Ele era... Então ele chegava lá... Ele era...

R1: (Risos) Aquele fazia uma economia danada. (risos)

R: Fazia uma economia, né? Mas na hora quando.... (risos de todos) Então, ele... Não sei se ainda tem aquele refeitório lá...

E: Tem.

R: Tinha uma árvore no meio.

E: Não tem mais a árvore.

R: Não. Tiraram?

R1: Ah, tem uma árvore é?

R: Era uma espécie de um quiosque, né?

E: É.

R: Então, ele ia.... Tinha gente que mexia com ele: “Como é, trouxe o cachorro também?” Então ele...

R1: Toda vida foi contador.

R: Lá era, manteiga à vontade. “Come manteiga, menino!” (risos de todos). Mas eu dou razão a ele, isso é cana dura, não é mole não. Eu estava te contando no início isso, né? Ele foi fazer umas viagens. Então tinha lá o pessoal da família dele, minha tia que já é morta. Era pobre, né? Era o pobretão, né? Então, ele no dizer da minha mãe fazia chapéu, às vezes eles faziam umas caçadas, fazia aquilo...

R1: (inaudível) trazia umas penas para botar no chapéu.

R: Umas penas para botar no chapéu. Hoje não se faz mais isso. (risos)

R1: Mas antigamente usava muito chapéu, luva, essas coisas todas.

R: É, mas aquele negócio, era chato, né?

E: Mas o pai de sua mãe ele era rico?

R1: Não, era dentista.

R: Ah! Ele era.... Não, ele tinha uma situação melhor.... Cadê o retrato dele? Tem aí.

R1: Tinha uma situação melhor que a dele, né?

R: Ele era dentista. Odontólogo.

R1: Tinha propriedade, tinha casa própria. Essas coisas todas. Então não queria...

R: Ele às vezes pegava... Ele tinha uma chácara interessante.

R1: ...que a filha casasse com o seu Ventura que era fotógrafo pobre.

E: A D. Isaura morreu quando?

R1: Tem 16... 15 anos.

R: Mamãe morreu depois.

R1: Tem 15 anos que a D. Isaura faleceu.

R: Ela sentiu muito a morte do meu pai.

R1: Ih! Era um casal tão unido.

R: É aquela história, né?

R1: A outra nora dela que mora ali no Jacaré.

R: A Nésia, a mulher do Milton.

R1: ...Diz que ela era tão unidade com o sr. Pinto que às vezes ela esquecia até dos filhos.

R: Não, ela de fato... Ela era uma verdadeira amante do meu pai, né?

R1: Ela mesma falava que ela era um verdadeiro amor com aquele marido.

R: E ele com ela. Tinha um ciúme.

R1: (Risos)

E: Ele?

R: Ela.

E: Ela.

R: Era uma dama. Hoje é difícil, né?

E: (Risos) Queria ver se achava a certidão de batismo dele.

R1: O marido era um homem muito direito, muito correto.

R: É. Ele era... (Inaudível). Ela estava se queixando que o velho era mão aberta. Então, a D. Belinha disse: “O que esse homem faz com esse dinheiro?” Ela aí caiu em cima, ela disse: “O que a senhora tem com isso? Ele é um homem que não tem amantes.”.

R1: Ele vive para a família dele.

E: (Risos)

R1: Ela era muito unida com ele.

E: Como era o cotidiano de trabalho dele, ele ia de manhã lá para Fundação?

R: Ele gostava muito. É aquele negócio de moralista de cueca, né? Ele adorava uma professora. Ele pegava aquele trem ali era uma estação só, e o trem das professorinhas que tinha naquela época. Ele pegava aqui em Triagem, e saltava logo depois ali na primeira.... Como é o nome daquela?

E: Amorim?

R: Agora é Amorim o nome da estação? É a mesma coisa.

E: Agora é Carlos Chagas.

R: É Carlos Chagas. Então, já era Carlos Chagas.

E: Antes ela chamava Amorim, estação do Amorim.

R: Lá?

E: É. Vem da Leopoldina, né?

R: É da Leopoldina, é uma estação.

R1: Que horas ele saía de casa, Wilson, para ir trabalhar?

R: Saía daqui mais ou menos 7h:30... Chegava lá 8 e tanto. Tinha uma jardineira....

Fita 1 – Lado B

R: O veículo da vida ele não tem marcha ré nem ultrapassagem, é aquilo mesmo, vai seguindo até o final, né? Bom, que mais?

E2: (Risos)

R1: A história desse quadro aqui foi o pai que tirou, ainda doou.

R: Engraçado que esse quadro aí foi feito com tele objetiva, que ele alcançou o Corcovado.

E2: De lá de Manguinhos?

R: Com a tele objetiva. Daqui ele não tinha ângulo, você vê que não tem.

R2: Lá tinha.... Como é o nome daquele que você e isso que ele subiu?

E2: Uma senhora tele, hein?

R: Ham?

E2: Uma senhora tele que ele tinha.

R1: Hein, Wilson.

R: Ah, o velho mestre no negócio. Eu tenho saudade dele, é meu herói, meu bandido. (Risos de todos)

R2: Hein, Wilson, como é que é o nome daquela torre lá?

R: Eles três trabalham lá.

E2: É a torre, não tem nome não.

R: É o globo, é o globo, é o globo. São dois globos.

R2: Uma altura lá que ele subiu.

R: Ah, isso é outra coisa.

R2: Para fotografar.

R: Uma vez o velho.... Isso eu não tenho. O velho tinha.... Não sei se alcançaram o mar, uma chaminé.... Um negócio, um queimador de biotério.

E2: Sei.

R: Bem mais alto do que o prédio e o velho era tinoso. Eu nunca tive.... Uma vez eu subi lá na vigilância e tinha um bandido que tinha fugiu lá e quando eu olhei, eu disse: Acabou o homem.

E o velho não, o velho era tinoso. Eu não suporto altura. Ele subiu lá, levou a máquina, tirou uma fotografia de Manguinhos, do prédio de cima para baixo. Quando aquilo foi para a Alemanha, o instituto (inaudível). Depois o diretor de lá mandou para cá, agradecendo ao diretor daqui a foto aérea recebida. Não tinha nada de aérea. Ele que tinosamente subiu e chegou a fotografar.

R2: Aquela foto que está na nota de 50 mil, né?

R: Aquilo ali foi ele, aquela de 50 cruzeiros.

E3: De Oswaldo Cruz, né?

R: É. Aquilo ali foi dele. Bom, o Jairinho, aquele não é o Jairinho, o Jairinho é o pai dele. O Jairinhozinho, né? O barbicha.

E3: Elias?

R: Elias, é. O Elias. Dele mesmo, ele me deu os livros de Manguinhos, o (inaudível) então eu estranhei uma coisa, todas as fotografias que o velho tirou tiraram o nome dele, não sei porque.

R2: Botava sempre assim, J Pinto.

E2: Pois é. Não, nessa edição realmente fizeram isso, mas a gente não faz mais isso não. A gente tem usado muitas fotos dele.

R: Dele mesmo.

E: Mas tem. O crédito é sempre dele.

R: Vocês pegaram uma lá Zepelim? Ele tirou daqui do quarto, o Zepelim passando e ele bateu.

R1: Essa foto tinha aí...

E: O laboratório dele era aqui também?

R: Não, não. O que?

E3: Essa foto do Zepelim, porque nós trabalhamos lá na organização.

R: A, sim, não acharam. Então, finalmente não ficou nenhuma lá. Ele tinha Leica, ele trabalhava muito com uma Leica.

E2: Sr. Wilson, posso dar uma sugestão?

R: Dá, meu filho.

E2: Começa a contar a história do seu pai desde quando ele nasceu...

R: Ah, de quando ele nasceu.

E2: Quem eram os pais dele.

R: Meu pai.... O Marieta!

R1: Hum.

R: Vê se você acha... Naquela época certidão de nascimento, era batismo.

R2: Achar o que? Vê se eu acho o que, Wilson?

R: Então, ele nasceu na Bahia. Ele usava J Pinto, porque ele não gostava desse nome, o nome dele mesmo era Joaquim. Joaquim Pinto da Silva. Então, ele usava J Pinto, ele achava que Joaquim era nome de moleque. (Risos) Não usava. J Pinto.

R2: Aonde que tu tem anotações? Em que caderno você anotou?

R: Não, tem um caderno aí vermelhinho, mas não está, não cheguei a completar. Bom, nasceu era distrito de Alagoinhas, hoje é cidade, lá perto de Feira de Santana. Entendeu?

E3: S. Wilson, deixa eu te cortar só um pouquinho.

R: Diz, meu filho.

E3: Tem alguém ouvindo rádio ou não?

R: Ah Marieta, desliga o rádio.

E3: Porque fica melhor para gravar aqui.

R: Ah! Está ótimo.

E3: Desculpe cortar o senhor. Pode continuar.

R: Não, não, não. Então, ele nasceu em Alagoinhas...

R1: Lá na Bahia.

R: Até o pai dela foi delegado de lá, que o pai dela é milico, miliciano, coronel.

R2: Nós estamos falando do Sr. J. Pinto.

R: (risos) Ele era meganha lá de Alagoinha. Ele chegou a ser delegado de Alagoinha. Marieta, apanha aquela coisa de fotografias, que tinha até o cunhado meu.... Dela, né?

E2: Hum-hum.

R: Me mandou umas fotos de Alagoinha atual. Está modificada, está bonita e tal. Bom, eu tinha muita.... Ela não gosta de viajar, mas é um lugar que eu tinha muita vontade de ir lá, a origem do meu pai, isso eu gostaria de ver. Então, ele casou em 1907.

E2: Ele nasceu em que ano, o senhor sabe?

R: 24 de abril de 1984.

E2: 1894?

R: É, 1894. Não, 84.

E2: 1884?

R: 1884. Ele estaria, se fosse vivo, com mais de 100 anos.

E2: E os pais dele eram o que?

R: Bom, o pai dele era daqueles boticários, dizia-se farmacêutico, mas naquele tempo não havia isso de faculdade de farmácia. Era boticário lá numa fazenda. Então, ele com 14 anos veio para o Rio, ele perdeu a mãe com 4 anos de idade. Então, o pai dele casou de novo com uma mulher e um dia ela bateu na irmã dele, ele deu umas porradas, aí veio para cá.

R1: Ih! Caramba.

R: E veio para cá. Aí começou a odisseia dele.

E2: Ele veio então para o Rio com 14 anos?

R: 14 anos. Aí começou a estudar, foi para um jornal, não é?

E2: Ele chegou a completar.... Ele completou o curso secundário?

R: Não. Naquele tempo não havia nada disso, naquele tempo não se estudava, ainda mais em fazenda.

R1: Não, isso aqui ele está falando referindo a terra onde ele nasceu, Alagoinha.

R2: Bom, foi quando ele atendendo a um jornal aí que pedia.... Ele foi logo lá, no tempo de Oswaldo Cruz, ele foi lá se apresentou e começou. E o Oswaldo Cruz um pouco mais velho do que ele gostou, pô, ele novo assim, menos que vocês, ele estava naquela época com uns 23 anos, 20 e poucos. Então, foi e ele começou a trabalhar. Aí Oswaldo Cruz ficou amigo dele, queria até que ele estudasse medicina, mas não....

E2: Me diz uma coisa, Sr. Wilson.

R: Diz, meu filho.

E3: Ele já entrou como fotógrafo?

R: Fotógrafo. Que ele veio de não sei que jornal era não.

E2: o senhor não lembra não?

R: Não.

E3: E onde ele aprendeu a fotografia, o senhor sabe?

R: Ham?

E3: Onde ele aprendeu a mexer com fotografia?

R: Não sei. Mas, naquela época naturalmente. Aquilo ali antigamente não havia curso de coisa alguma. Mas o que há de interessante nesse negócio de fotografia é que hoje é fácil a microfotografia, mas naquele tempo quem ensinou a ele foi Oswaldo Cruz. Era um caixote de bacalhau, aquilo ali uma adaptação do microscópio para tirar a imagem, né? Naquele tempo era... Era bem...

E3: Aqui no Rio chegou a trabalhar em outras atividades?

R: Não. O velho nunca topou esse negócio.

E2: Ele só trabalhou em Manguinhos?

R: Só em Manguinhos. Não levava grana e nem trabalhou em outras atividades.

E2: Até o fim da vida ele só trabalhou em Manguinhos?

R: Só. Se aposentou não sei em que ano. Eu estava na polícia, foi em 1950 e...

R1: Tinha tanta foto de fotografia dele assim de jaleco, foi lá naquelas fotos dos antigos, uns ajudantes, não sei se lá tem essas fotos lá dentro.

R: O que é, Marieta?

R1: Aquelas fotos de jaleco.

R: O meu irmão, você já ouviu falar dele também? O Pintinho Milton.

E2: Não.

R: Trabalhou lá também ao lado dele. Foi quando trabalhou o Trombone também, o Francisco.

R1: O Francisco.

E2: Seu irmão trabalhou lá como fotógrafo?

R: Trabalhou como fotógrafo, depois cismou e foi para a penitenciária. Mas, o meu irmão hoje está com a vida vegetativa, né? Que ele teve um derrame, não conhece ninguém, está uma coisa horrível. Aí tem fotografia, mas não.... Achou aquela de Alagoinhas?

R2: Achei. A mocinha já viu.

E2: Sr. Wilson, ele então....

R: Diz, meu filho. Pode me chamar de Wilson.

E2: Wilson, ele começou a trabalhar em Manguinhos com mais ou menos uns 23 anos?

R: Foi.

E2: Ele já era casado?

R: Já. Casou naturalmente como sempre acontece, né?

E2: Como era o nome da sua mãe?

R: Minha mãe era Izaura da Costa Silva. Izaura com Z. Até tinham pessoas que pensavam que tinham algum parentesco com esse Costa e Silva, tinha nada a ver com isso.

E2: E ela era filha de.... Os pais dela eram o que?

R: Não. Marieta, apanha aquele livro lá, aquele de genealogia. Ela tinha... Há uma linhagem aí que eu nunca dei bola para esse negócio, descendente lá do.... Mas, papai casou muito pobre, naquele tempo.... Quanto ganha você agora, agora pergunto eu.

E2: Quanto que eu ganho?

R: É. Pode dizer. (Risos)

E2: 500 mil cruzados.

R: 500 mil?

E3: Não, 500 cruzados.

E2: 500 cruzados.

R: Agora é 500 cruzados. Eu sou policial, eu sou inspetor (inaudível). Mas, meu pai se estivesse vivo, ele estaria ganhando muito menos que o meu irmão. Sabe quanto ganha meu irmão, coitado?

R2: Cadê o livro, Wilson?

R: Como aposentado.... Ah! Está por aí, Marieta está por ali, genealogia. Mas viu? Ele mesmo está ganhando 34 mil, coitado.

E2: Que mixaria, né?

R: Fotógrafo, é. Mas é o Brasil. O Brasil está entregue as baratas, esse covarde. Eu tenho ojeriza a esse camarada aí, esse tal... Agora está dizendo que ele foi agora pra Angola, né? O cara tem uma cabeça de Cagado direitinho.

R1: Meu Deus! (rindo)

R: Foi visitar o macaco lá em Angola. (Risos) Meu pai sempre foi governista.

E2: Me diz uma coisa, S. Wilson. Então ele começou a trabalhar em Manguinhos com 23 anos, e ficou até o fim da vida em Manguinhos?

R: Até lá, nunca teve outro emprego. Saiu, eu me lembro, não o Oswaldo Cruz, mas eu alcancei.... Conheci mesmo o Carlos Chagas, o Cardoso Fontes. Até nós chegamos aqui o Cardoso Fontes tinha uma casa em Paquetá, e chegamos a ir lá, me levou, era amigo mesmo. Papai tinha aquele gabarito de atividades, ele era muito ligado com aquela turma.

E2: Ele se dava bem com todo mundo lá.

R: Com aquela velha guarda lá.

E2: O laboratório dele funcionava aonde?

R: Lá naquela torre, no Globo, do lado esquerdo, você olha de frente assim do prédio, do Palácio, aquele globo do lado esquerdo era o laboratório dele. Eram dois quartos que tinham.

E2: Hum-hum.

R: Um de entrada assim.... (Inaudível) e funcionava ali, eu me lembro. Tanto que ele dava aquele esculacho quando o sujeito entrava lá e abria a porta.

E2: Estragava tudo.

R: Estragava, porque tinha coisa que só funcionava com luz verde e tal, revelar filmes e tal. Quando era luz vermelha não era tanto para revelar cópia, papel. Pois é, que mais?

E2: Mas aí, então, o laboratório dele.... E como é que era esse processo de microfotografia, senhor Wilson?

R: É você arrancar a imagem do microscópio, tanto que ele usava umas gozações que eu não tenho nada aí. Há quem tenha, ele tinha uma foto montado num sapo, ele dançando como uma pulga. Fazia aquelas coisas de Natal, aí botava aquele carimbinho dele... J. Pinto. Cada ano ele fazia uma coisa.

E: Hum-hum. Mas, ele entrou lá antes da construção do Castelo, não foi?

E3: Já tinha acabado já.

R: Não, não foi não. Foi sim, era um barracão.

E2: Era um barracão, não era?

R: Era. Aquilo ali foi um Barão não sei de que....

E2: Barão de Pedro Afonso.

R: É? Não sei. Naquela época que ele entrou.

E2: O senhor chegou a conhecer?

R: Mas sobre a batuta, sobre a batuta do Oswaldo Cruz que existia naquela época.

E2: Hum-hum.

R: Oswaldo Gonçalves Cruz.

E2: Isso mesmo.

R: Você conseguiu entrevistar alguém da família dele ou não?

E2: Não.

R: Ouviu falar em Oscar Dutra e Silva também?

E2: Já. Era um cientista de lá, né?

R: Era.

E2: Por que ele era....

R: Meu amigo.

E: É?

R: Me alcançou.

E2: Vem cá, o J. Pinto teve dois filhos, você e seu irmão?

R: Não. Meu pai teve 6, um prematuro, morreu. E os outros... As outras a minha irmã.... Cadê a Elza, Marieta?

R2: A Elza chegou da igreja, está repousando.

R: Ela vai cantar ele pra ser bíblia, né? (Risos) Deixa ela.

R2: Está repousando.

R: É bíblia fanática. Solteirona, invicta, aquela vai para o céu e vai ficar para solteira mesmo. (risos) Eu perdi, a Zeni que trabalhou lá, eram 3 filhas, moças se eu assim posso dizer, porque hoje estão velhas também. A Elza.... A única viva é a mais velha, é a Elza. Donzela militante que eu te falei, né? Todas... Não 2, a mais moça que morreu, a que trabalhou lá, morreu atropelada indo lá.

R1: Ela trabalhou lá com o pai dela.

E: Foi mesmo?!

R1: Era trabalho em escritório, negócio de...

E2: Como era o nome dela, Eli?

R: Zeni.

E2: Zeni?

R: Ela trabalhou com...

R1: Zeni Pinto da Silva.

R: Zeni Pinto da Silva. Ela trabalhou não sei com quem...

R1: Na sessão de pessoal, será que ainda existe?

R: Um médico lá. Trabalhava negócio de datilografia, né? A Zeni...

E2: Tinha a Elza, tinha a Zeni....

R: Elza, Ilda. A Ilda era a mais assanhada, casou, né?

R1: Hum.

R: Morava, radicada em São Paulo, tem os filhos, os sobrinhos filhos dela. E, que mais?

E2: Depois de você?

R: O Milton. Milton era o segundo e eu. Eu nasci em 18 de outubro de 1918.

E2: E quem era o sexto?

R: O garotinho da casa.

E2: Você era o mais novo.

R: Não. O sexto foi prematuro.

E2: Ah, foi prematuro.

R: Foi logo depois de casamento que ele nasceu. Ele casou em 1800 e, início 1886, teve o Djalma, que é o prematuro, que morreu parece que morreu que com seis meses, ele foi fora de tempo e não aguentou muito não.

E2: Ele casou em 1876?

R: Foi. Casou naquela época. Não 87 não, foi 86. Em 87 foi quando ele foi para Manguinhos, né? Instituto Oswaldo Cruz.

E2: Não, não pode ser. 1877, não?

R: É.

E2: Manguinhos? O barracão foi fundado em 1900.

R: Não.

E2: Sim, senhor.

R: Garanto que não.

E2: Aposto com você. O barracão foi fundado em 1900.

R: Ah! Está certo, está certo. É isso mesmo. Porque ele nasceu em 84, não ia pra lá com dois anos.

R1: 1884.

R: 84. 84. É isso mesmo. Ele foi pra lá... É aquele negócio, naturalmente na década de 20.

E2: Ele não tinha nem 20 anos, então quando ele foi pra lá?

R: Hum?

E2: Ele devia ter 16, 17 anos, ele era um menino.

R2: Teu pai casou com que idade no duro mesmo?

R: Não, ele foi depois. Não, eu acho que ele foi com 23. Foi a época do casamento mais ou menos.... Aquele negócio, você arranhou um emprego e aconteceu comigo também, arranja logo o primeiro ordenado faz as alianças de noivado. Aquela coisa que o sujeito cai de otário, né?(risos) O grande conto do vigário.

R1: É verdade.

E: Você ia muito lá visitar ele?

R: Eu era garoto naquela época, eu estudava no Rabelo, eu era aluno do Rabelo. E eu ia sempre que podia. Eu acho gozado, ele era muito econômico, né?

E2: Como é que ele era assim? Descreve ele como pessoa, que tipo de pessoas ele era?

R: Não tem nenhuma fotografia dele aí, Marieta?

R2: Não. Ele está falando como pessoa... (falando junto)

E2: Tem aí?

R: Como pessoa. Ele era um sujeito que ganhava pouco...

E: Ele tem uma fotografia que é uma montagem, Sr. Wilson, de um rosto...

R: Olha, eu tinha um subsidio muito interessante, vocês já ouviram falar do Éboli?

E: Não.

R: Hoje é o...

E3: Instituto Carlos Éboli?

R: Hoje é o....

E3: O Chico Trombone falou dele.

R: Hein?

E3: O Chico Trombone falou dele.

R: O Chico Trombone, uma vez eu levei... Já o Éboli estava morto. O Éboli Foi meu colega e meu diretor, ele era autodidata. Mas, ele era um sujeito formidável, inteligente, culto. Ele era perito criminal, foi perito criminal durante 10 anos, credenciado. E o Éboli era efetivo, chegou a diretor de lá. E eu dei de presente para o Éboli uma vez... (inaudível) conhece esse negócio... Uma lata com um filme, que levei uma surra por causa desse troço, puxa vida, rapaz! Que eu fui.... Nesse tempo tinha um amigo aí, hoje ele é fazendeiro, ele me convidava.... É irmão daquele Célio Pelage, você lembra? Que era corretor.

E2: Sei.

R: Morreu. De maneira que eu fui lá na casa da avó dele lá na Pavuna, quando eu voltei eu tinha... Eu sempre saía na malandragem, o velho chegava aqui 4 horas, quando chegava assim 3 horas eu já estava aqui. E o velho... Aí nesse dia cheguei às 6. O velho: Ah, me pegou no pau... Eu fui prego e martelo, ele me pegava no pau que não era mole não, batia para valer, aquele negócio. Mas, ele era bom, ele amava a família. Meu pai nunca disse um palavrão. Eu sou um boca suja, puxa vida! Papai nunca disse um palavrão, nunca. Hoje é normal.

R2: Naquela época as pessoas nem na mesa sentava sem camisa...

E3: Sr. Wilson, o senhor falou do filme...

R: Ah! O filme. O filme era todo assunto de Manguinhos. Vocês podem procurar vê se localizam a D. Norma que é a viúva do Éboli, parece que ela está até casada de novo, sei lá. Ela andou querendo vender peças do Éboli. Hoje tem até o Instituto que está com o nome dele, Carlos Éboli. É de família italiana. Era formidável.

E3: E como é que foi a história? O senhor pegou o filme e deu para o Éboli?

R: Dei.

E3: Pra ele recuperar?

R: Dei, porque ele conhecia muito a fotografia, né? E depois ele morreu, eu lamentei, porque aquilo podia ficar comigo em casa.

E2: Mas que filme era esse?

R: Era um filme.... O assunto era Manguinhos.

E2: Era um filme mesmo?

R: Era um filme, numa lata. Ele filmava também.

E2: Ele filmava?

R: Filmava.

E2: Ele fez muitos filmes?

R: Não. Que eu conheço, só esse.

E2: Só esse? Mas, ele filmou o que?

R: Ele era curioso, rapaz!

E2: Ele filmou a construção ou já estava pronto?

R: Estava. Era pedaços de Manguinhos, tinha aquele mosaico todo de frente, aquela bonita do Palácio, é passado, passado... O biotério.

E2: As pessoas trabalhando?

R: Também, sessões, médicos e tudo.

E2: E você pegou esse filme e deu para o Carlos Éboli?

R: Dei.

E2: Será que ainda está lá com a viúva?

R: Não sei. A viúva hoje é casada com outro.

E2: A gente podia procurar, né?

R: Fala com o trombone.

R1: Dona Norma.

E2: Dona Norma?

R: É. Vocês querem fazer um serviço....

E2: Sr. Wilson....

R: Diz.

E2: Seu pai viajou para o interior?

R: Viajava muito. Meu pai.... Eu me lembro que na época ele fazia umas caçadas... Quem andava muito lá em casa era Adolfo Lutz, já ouviu falar dele, né?

E2: Já.

R: Era um cientista. Pois é, porque nós moramos, quando ele comprou aquela casa no Méier, na rua Jacinto 67... Hoje eu tinha uma vontade louca para ver se comprava aquela casa. Mas, hoje ela se transformou no sindicato das escolas de samba, de vez em quando eu passava lá para ver, mas aquela vontade minha se dissipou, porque tinha lá um prédio de 3 andares, não tinha mais condição. E eu me lembro que tinha muito brejo lá na frente, não era calçada, e eu me lembro que ia para lá o Adolfo Lutz com um servente, eu não sei se era o Trombone não. Aí o ...

E2: Não seria lá o guru dele...

R: O Venâncio.

E2: O Venâncio. Joaquim Venâncio.

R: É. O Joaquim acompanhava ele. Então, ele ia lá para casa caçar.... Eu me lembro que tinha aqueles brejos, né? Hoje está tudo modificado, aquilo está cheio de coisa. Mas então, eles iam para lá e botavam.... Como é o nome dessa coisa? Flash light, né? Para apanhar rã, para apanhar sapo para levar para estudo, realidade. O Butantã também, eu não tenha mais nada... Uma fotografia dele com uma cobra enrolada no pescoço, ele era (inaudível) Entendeu?

E2: Mas, ele viajou para o nordeste?

R: Não, não, nunca viajou não. Porque ele perdeu o pai, ele tinha... Quer dizer, ele perdeu a mãe com 4 anos. Mas o pai, eu me lembro que quando ele casou foi fazer uma visita, que ele soube que o pai estava muito mal, foi quando o pai morreu. Quando ele entrou pra Mangueiras, aí ele foi ao Nordeste e depois nunca mais.

E2: Porque o pessoal de Mangueiras fez umas expedições pelo o interior assim...

R: Sei.

E1: Para documentar as doenças no interior.

R: Não, ninguém não.

E2: Por volta de 1911, 12, né? E a gente acha que o J Pinto foi o fotógrafo de uma dessas expedições pro... Uma expedição pro... Pra onde? São Francisco.

R: Eu ignoro.

E3: Inclusive, tem uma foto da estação de Alagoinha.

R: Tem, né? Isso eu ignoro.

E2: É. Você não lembra não.

R: Eu ignoro.

E: Você sabe se...

R: Primeiro que 11 eu não era nascido, eu nasci em 18.

R2: A Elza nasceu em 09, eu acho que ele deixou a Elza doente... A D. Izaura sempre falava, que ele viajou e a Elza era pequenininha.

R: Eu me lembro que uma vez ele....

E2: E ele viajou e fez uma viagem longa?

R2: Ele fez essa viagem a Elza ficou, teve um negócio na cabeça, lembra?

R: Ah é! Foi. Eu não me lembro não. A Elza é mais velha que a mãe do sarampo.

R2: A D. Izaura... Eu lembro que D. Izaura, a mãe dele, contava sempre isso.

R: Até pra ouvir a Elza é meio perigoso, porque ele atualmente já está....

R2: Então, a D. Izaura sempre falava nessas viagens que ele fazia.

R: Ela disse para mim que ela vive o presente.

R2: O Wilson não existia, não existia. Era só a Elza essa que vai fazer 90 anos.

R: Mas eu sei que caiu de um cavalo. E parece que espetou... Ele tinha, ele tinha aquela hidrocele, então o escroto dele era grande, né? Foi consequência de um tombo.

R2: Um tombo de um cavalo.

R: Ele operou várias vezes.

R2: Tombo de um cavalo nessas viagens.

R: Uma vez eu até fui visitá-lo naquele hospital São Francisco, aquele ali na presidente Vargas hoje. Eu me lembro que ele estava lá.

R2: Olha! A minha sogra falava dessa viagem que ele fez, com muita dificuldade.

E2: É? Ao São Francisco?

R: Ele casou muito pobrezinho.

R2: E muita dificuldade nessas viagens, né? E a D. Isaura ficou com essa menina que é a primeira, a Elza era pequena e deu um negócio na cabeça, (Inaudível) uma coisa assim, e ela ficou... Quando ele chegou ficou muito chateado, né? Antes ele tivesse ficado, que se ele

estivesse presente não tinha acontecido aquilo. Essas coisas de casal, né? Que ele cuidava bem a menina não tinha piorado daquela ferida na cabeça, era um tumorzinho.

R: Eu herdei muita coisa dele, muita. Móveis... Nunca tive esse negócio de luxo. Isso aqui, por exemplo, essa casa eu podia se quisesse ir lá para cima, está lá minha irmã sozinha. Eu não, eu nunca saí daqui, desde que eu me entendo eu moro aqui. Agora, isso aqui era um salão só, eu que fiz ali meu quarto, fui eu, fiz parede, cozinha aqui dentro, não era nada disso. Banheiro e tudo...

O quê?

R2: A Elza. A D. Izaura falava muito dessa viagem.

E2: Sr. Wilson, o senhor conheceu – como era? O carteiro das borboletas?

R: Ouvi falar.

E2: Não chegou a conhecer não?

R: Eu não me lembro do nome dele não, eu conheço mais ou menos a história.

E2: Que foi seu pai que descobriu ele.

R: Foi, né? Está vendo como você sabe mais do que eu? Eu acho que sou eu que devo entrevistar você. (risos de todos)

R2: Quem sabia muita coisa também era a Ilda. A Ilda gostava dessas coisas.

R: Não. O perigoso disso é as vezes a imagem distorcida pelo tempo. Aconteceu uma vez, ele pegou um conhecimento lá em Três Rios. Me lembro que eu era pequenino e a filha do dono da Fazenda, Irene, me batizou. Que ele me levou lá, eu me lembro ainda quando fui lá. Mas eu tinha uma coisa comigo: como é que podia um riacho com mais de 1 metro de largura e eu com 3 anos atravessar. Bom, com 17 anos eu voltei lá, porque deu uma saudade que eu queria conhecer, que acontece, minha madrinha e tal. Eu fui lá no peito e na raça. Quando eu cheguei lá, o tal do riacho (Risos) tinha quase um palmo, aquele riacho que passa por de baixo das privadas lá, que vem a coisa... É uma coisa que com 3 anos eu podia passar, uma coisa pequena mesmo. Pra mim eu tinha uma imagem de como se fosse um rio, então eu ficava bolando como é que eu podia passar por cima daquilo. Era isso, a distorção de imagem, é perigoso isso.

R2: A Zeni, a irmã dela, essa que morreu, também gostava muito de...

R: É a fantasia, né?

R2: Não. As coisas do S. Pinto, ela tinha tudo, documentos e tudo.

R: Ah, Zeni tinha muita coisa.

R2: Ela tinha muito cuidado, mas, quando ela faleceu a minha cunhada, a mais velha, destruiu tanta coisa, um monte de fotografia.

R: Eu mesmo destruí.

E2: Foi mesmo. Sr. Wilson?

R2: Foi.

R: Morreu, está numa outra dimensão.

R2: Meu filho até falou, o Maurício: Ô, papai o senhor... Maurício falou: Ô papai, aquelas fotografias que podia servir, ficar na biblioteca e tudo.

R: Quem é que podia saber que eu ia útil hoje a alguém? Acabou.

R2: Acabou.

E: Que pena, Sr. Wilson...

R: Morreu acabou, foi com ele.

E: Como era o nome daquele outro fotógrafo?

E3: O José Teixeira, o senhor já ouviu falar?

R: Médico?

E: Não, fotógrafo.

E3: Fotógrafo.

R: Não, me lembro, depois dele, foi?

E3: Não, foi um outro cara que foi nessas viagens ao interior. Foi fotografando também para Manguinhos.

R: Não, vai ver que era o Médico. Teixeira, eu conheci.

E2: Tinha um médico com esse nome?

R: Teixeira morreu de câncer.

E3: O senhor reconheceria ele em uma foto?

R: Hein?

E3: Reconheceria ele em uma foto, reconheceria?

R: Talvez sim. Ele era moço, assim como vocês hoje, eu era guri. E eu até me lembra.... Posso falar, bem?

R2: Pode.

R: Eu me lembro que eu era muito levado, eu estava com uns 17 anos, peguei uma doença venérea, né? Aquele negócio da zona. Né? E eu me lembro que o Teixeira, era aquele cancro mole, e o Teixeira, o meu pai me levou lá, o cara era econômico, não pagava médico assim não, usou muito Manguinhos. Aí eu me lembro que quando eu cheguei lá, eu não sabia do que se tratava, quando eu vi aquilo, né? Ele pegou uma... Como é o nome daquelas coisinhas de vidro?

E2: Tubo de ensaio?

R: Não, tubo de ensaio, não. Uma espécie de um bastonetinho. Então, ele esquentou aquilo no fogo, (rindo) aquele...

Fita 2 – Lado A

R2: Ele contava muita coisa de lá.

R: Ah. Mas não... Não dá mais não. Ele quando me viu, depois que me reconheceu deu de chorar.

R2: Não, ele está muito parado na cadeira de roda.

R: Que nada! Tomara que ele pudesse, mas não...

R: Se falar no pai aí ele tem aquela emoção e começa a...

R: Aquele é um Dobermann. Mas eu já criei muito pinscher.

R2: Eu tive época de ter 25 cachorros.

E: É mesmo?! Aqui dentro?

R2: Não! Por aí. Eu vendia pinscher miniatura.

R: Eu tive, agora não deve ter mais.

R2: Agora só tem um de 15 anos, velhinho, está surdo, cego, mudo, tudo.

R: Cego, sai dando cabeçada.

R2: Está com aquele negócio na pele, né? Já levei ele ao veterinário, mas ele disse: Olha, não adianta cuidar.

R: Ah, mas interessante, tem uma história de cachorro.

R2: História de cachorro.

R: Uma vez um coronel, foi meu colega no Rabelo, depois ele se transformou em coronel. Boa praça. Então ele uma vez me pediu um pinscher, eu dei para ele.

E: Ele criava pinscher.

R: Eu dei para ele. Mas depois ele saiu da casa que ele estava morando foi para o apartamento, perguntou para mim: Wilson, você ficava com o canço?”, e eu: “Ficava”. Aí veio ele trazendo o canço para cá. Pois bem, o cachorro ficou uns quatro dias sem latir, só olhando lá para fora, não comia, não bebia água, nada disso. Aí uns 6 meses depois o Mui, Elis Mui, ele veio aqui: “Ah, cadê o Canço?” Foi ver o canço. O canço foi lá olhou ele... Ele estava lá sentado naquela sala. Olhou ele assim, viu que era ele, caiu fora...

R2: Sentiu.

R: Duas vezes. Você vê como o animal sente.

R2: Ele deu pra ele, ele... você vê que até os animais, né?

E: É.

R2: Têm sentimento.

E: Rabelo era o colégio onde o senhor estudava, Sr. Wilson?

R: Esse é o filho dela, Wal.

E: Hein, Sr. Wilson?

R: Hein?

E: Rabelo era o colégio onde o senhor...

R: Instituto Rabelo.

E: É?

R: Era no tempo do Rabelão mesmo, o velho.

E: Era aonde?

R: Ali na Rua São Francisco Xavier. Hoje só tem a Faculdade Veiga de Almeida, né?

E2: Ah, sei.

R: Ainda comprou do Rabelo. Da família do Paulo...

E: Eu queria perguntar uma coisa sobre a atividade de fotógrafo dele. Ele tinha uma atividade de fotógrafo fora da Fundação, não?

R: Não.

E: Não? Não fazia foto para jornal?

R: Não, nada, nada.

E: Não?

R: Eu me lembro que ele fez foto também, ganhava... Pra esse negócio de título eleitoral, às vezes davam a ele pra fazer, tirar foto assim, ele tirava, mas não tinha.

E: Sr. Wilson, filme o senhor tem de lembrança desse filme, né?

R: Hein? Só. Era Manguinhos.

E: Do trombone, né?

R: É. O trombone falou, mas o Trombone mente muito. Ele falou pra mim que ia cassar Dona Norma, que não sei o que.... Ele falava muita tolice.

E: Ele falou isso para mim também.

R: Falou é? Eu levei ele na Dona Norma quando o Éboli morreu, apresentei ele. Ele ficou de comprar umas peças do Éboli. Marieta, vê se você acha...

R2: O que, Wilson?

E: Esse filme ele chegou a ser usando assim ou...

R: Não, esse filme...

E: O seu pai filmou porque quis e largou em casa?

R: Me custou aquela surra que eu disse a você que eu fui passar.... Não, o filme eu tinha.... Esse Victor Leigui(?) que se tornou tenente brigadeiro, que foi... né? Eu sei que uma vez eu fui na casa dele, ele morava ali na rua... Fui passar o filme lá que ele tinha uma baby... Como era no nome daquelas máquinas pequeninhas?

E: Não sei.

R: Uma baby qualquer.

E2: Hermes Baby.

R: Hermes Baby, era uma pequeninha. Fomos passar lá, me custou um pau também quando ele soube.

E: Ele tinha o maior orgulho, tinha o maior ciúme daquele filme?

R: Ah! Tinha!

R2: E aquela máquina que era do teu pai, hein?

R: Qual máquina?

R2: A máquina fotográfica. Lembra?

R: Ah, não queria mais não.

R2: O que foi que aconteceu com ela?

R: Eu fiz sacanagem com meu pai. Por exemplo, eu quando eu entrei para polícia, né?

R2: Tomou um dinheiro emprestado. (Rindo)

R: (Risos)

R2: Agora estou me lembrando, contava. Achei tão engraçado.

R: Vamos fazer um negócio: “Me empresta um dinheiro para eu comprar um carro”.

R2: Que eu levo ou senhor para passear.

R: Pra passear. Ele entrou nessa, né? Eu nunca levei meu pai para...

R2: Passeava com as gatas.

R: O Amauri veio pedir pra mim também: “O velho, quer comprar um carro novo pra mim?” Eu digo: “você não gosta.”.

R2: Acho que você lembrou do que fez com o teu pai aí não quis dar o carro pro Amauri.

R: Vê se acha aí, Marieta?

R2: Achar o que?

R: A certidão de...

R2: Mas tu não estava com ela ontem na tua mão?

R: Estava.

R2: Estava com ela, lendo, vendo.

R: Espera aí.

R2: Estava com ela sim, você disse assim: “Olha, Marieta, que nome é esse aqui?” Eu digo: Ih, letra de médica, meu filho...

R: É a certidão de batismo dele, né?

R2: Eu não conheço. Letra de médico não dá para mim ler não.

R: Podia até tirar uma espécie de um fax... Olha esse.

R2: Ó aqui, são essas daqui. Você misturou tudo aí... Olha, são essas mais antigas aqui.

R: Lê alto, lê pra mim. Podia até gravar isso, bota pra gravar isso.

R2: Uma letra horrorosa. Uma letra horrorosa.

E: É. Bota aí, vamos ver.

E2: Está gravando.

E: Está gravando? Então aqui é uma certidão emitida pela Câmara eclesiástica do arcebispado da Bahia dizendo: “Certifico que de um dos livros findos de assentamento de batismo da freguesia de Alagoinhas, ano de 1884 e folhas 125 verso, consta o registro do seguinte teor: Joaquim 15 dias, filho de Manuel, digo de José Camerino Pinto da Silva, e Maria Enunciação. É?

R: É.

E: É Maria...

R: Da Purificação.

E: Da Purificação.

R: Essa que era a mãe dele. Tanto que eu tenho umas primas e tal pelo lado da dona Maria.... Que baixou o pau, bateu na irmã dele... Aquela coisa de: Ah, não é nada minha, hein?

E: O seguinte, teor... Para o vigário. Josefa Maria. Quem é Josefa Maria da Rocha?

R: Ah, uma testemunha lá. Queria entrevistá-la?

E: Eu não. (Risos)

R2: Você vê que está toda velhinha. Quantos anos? Deve ter uns 100 anos. Quanto tem isso aí?

E: Esse aqui é de 23 de julho de 1942. (Falando juntos)

R2: Ah, foi tirado depois, isso já era uma pública forma.

R2: Ham, isso foi que já mandou pedir e veio de lá para cá.

E: Mandou pedir, é. Mas a certidão original é de 1874.

R: É, tem até conhecimento dos filhos...

R2: Que as vezes extraviava, mandava buscar outra, aquela coisa toda.

R: 1917. 23 de junho de 1917. Ou 912, vê lá.

R2: Não. É 42.

R: 42?

E: É.

R: Ah é?

R2: Não, com certeza...

R: Ele mandou pedir, né?

R2: É mandou pedir, o pessoal mandou.

E2: Aqui tem a certidão de óbito da...

R: Da minha mãe.

E2: Izaura Costa da Silva.

R: Pois é.

E2: 19 de julho de 1974.

R2: 15 anos, né?

R: Aqui é o necrotério. O necrotério. Qualquer dia está a minha aqui também.

E: O senhor não tem cartas dele que tenha escrito ou recebido?

R: Não. Isso tinha uma concepção....

R2: Só pode ser o Margarido. (Falando juntos)

R: Diz a ela, diz.

E3: É uma família, né?

E: Como vai a senhora?

E: Meu nome é Jaime, prazer.

R3: Não adianta que ela é surda.

R: Ela é surda.

R2: Tem que gritar assim... “Meu nome é Jaime. ”

E3: Senta aí, Dona Elza.

R3: Não, não quero sentar não.

E: Senta aí D. Elza.

R4: Vou me dirigir a quem?

R2: Olha isso aí, todos. (Risos) Todos.

R4: Ela também é do instituto?

E: É.

R: Vê se ela tem fotografia.

E: Dona Elza, a senhora tem fotografia do seu pai?

R3: Gente nova lá. Vocês estão mexendo com os defuntos, está todo mundo mexendo com defunto...

R: Ela não gosta.

R4: No carnaval mexe com os defuntos, acaba todo mundo ressuscitando...

R2: Não é não, ele quer saber alguma passagem da vida do seu pai. Vê se você se lembra e vai te perguntar, vê se lembra.

R3: O meu irmão é que podia, né Wilson?

R2: É, mas ele agora não pode não.

R3: Ele está impotente.

R2: Não pode, não pode. Sabia que não pode...

R3: O que é conta... Quer dizer que todos eles são colegas de papai. (Risos) É estudante né.

E: Você traduz para ela então. Traduz para ela.

R2: Perguntar o que para ela?

E: Para ela o contar a história do J Pinto.

R2: Se você sabe na época ele trabalhava em Manguinhos...

R3: Ih, vai gravar, é?

E2: É.

R2: Ele trabalhava em Manguinhos, você sabe o que sobre aquela?

R3: Que eu me lembro?

R: Das viagens que ele fez quando você era pequenina.

R3: Ih, meu Deus!

R2: Que a Dona Isaura falava.

R3: Relembrar o passado, eu não sei. Não me lembro.

R2: Eu é que não sei, que eu não estava aqui. Só tem 33 anos.

R3: Você não tem nada lá arquivado?

R2: Tem.

E2: As fotografias do seu pai, como era teu pai.

R2: Nós temos as fotografias do seu pai.

E#: Muda com o tempo.

E3: A gente quer saber mais.

R2: Mas lá muda. Quer saber mais coisa. Como era o seu pai.

R3: Você não tocam de ir ia lá pra São Paulo, não?

R2: Não. Aquilo ali é neta nova, quer saber da filha mais velha do sr. Pinto. (risos)

R3: Ah, sei como é. (Risos)

R2: A filha mais velha é que sabe coisas da vida do pai, o que que há?

R3: Não, eu sempre fui muito reservada.

R2: Não, mas escuta aqui, sua mãe não falava sempre... Ele fazia umas viagens, não fazia? Do tempo do Dr. Chagas.

R3: Hum-hum.

E2: Ele viajou?

R: Ela não diz porque ela não sabe do Chagas.

R2: HÉ. No tempo do Dr. Chagas, não é? Ele fazia aquelas viagens para onde? Conta aí para onde era.

R: Quando estive internado....

R3: Nada, nada, nada, nada, eu dei tudo....

R: A minha preocupação sempre era dizer ao médico... (inaudível) tenho outra visão, um negócio aí para botar...

R3: Papai eu fiquei sabe como é? Tudo que eu olhava, até uma bengala que tinha dele eu dei para o asilo das velhas, que eu era kardecista, hoje eu sou crente... Eu dei aquela bengala pro asilo das velhas...

R: Mas agora que eu quero saber.

R3: Não queria olhar nada do papai. Olhava eu ficava com saudades dele, chorava. Papai era...

E2: A senhora não guardou nada dele?

E3: Não guardou nada dele?

R3: Que eu me lembre no momento... Eu sei que ele fazia aquelas viagens com o Dr. Chagas, ele ficou lá fora em Minas, aquelas doença de Chagas, né?

E: Hum-hum.

R3: Isso eu... Mas não tem mais fotografia, não tem mais nada. Pensei que ele tivesse.

R: Leishmaniose, né?

E: É. E doença de Chagas.

R: É.

E: Lassance. Você lembra disso, Wilson?

R3: Eu escuto o rádio falar. Vocês querem (incompreensível), né?

R2: Não, quer é...

R3: Papai foi do tempo...

R: Era o barbeiro.

R3: Do Dr. Oswaldo. Dr. Oswaldo queria que ele estudasse medicina, ele não quis. Ele se dedicou a fotografia por causa da ciência, né?

E3: Hum-hum.

R3: Que eu me lembre no momento...

R: Ela trabalha no que, também no museu?

E: É.

R3: Eu não me expandia com papai com essas coisas não. Papai era ranheta. (Risos) Ele era ranheta, era zangado.

R: Esse era o modo dele, né?

R3: Mas eu não me metia. E naquele tempo da minha mocidade eu passava muito pra lá pra Copacabana na casa das minhas tias, lá em Ipanema, ficava lá um mês, sabe como é?

E: Ham-ham. Mas pergunta esse negócio de Minas, de Lassance.

R: Ah, isso ela não se lembra!

E: Não lembra não?

R3: Que eu me lembre não.

R2: Você não se lembra nada dessas passagens das viagens dele? A Dona Isaura não comentava?

R3: Não. Mamãe era o piano, né? As alunas todas.

E: Ela era professora de piano?

R2: Era.

R: Mamãe era.

E: Era?

R2: Era.

R3: Que eu me lembre não.

R: Ajudou muito a ele. Ela tinha alunos...

R3: Isso aqui era um porão, era salão só.

R2: Não tinha nada dessas divisões aqui?

R3: Não tem nada, nada, nada. Fotografias eu dei depois pro meu cunhado, meu cunhado morreu há muitos anos.

R2: Então ela dava aula de piano lá embaixo. Morava em cima, dava aula de piano aqui em baixo.

R3: A, se a Zeni fosse viva ih! Ela... (rindo) Ela se virava, ia procurar isso lá em São Paulo, direitinho.

R2: Ah é. Era. A Zeni se interessava muito pelas coisas do...

R: (Inaudível) Separado ou viúvo?

E: Não, separado. A senhora lembra...

R: Meu filho é separado. Já está com outra.

E: Perguntar pra ela se ela lembra se ele falava alguma coisa do instituto?

R2: Tá. Os comentários de lá do Instituto, o que era ele falava lá o serviço dele.

R3: Ah, meu papai? Ih, ele era doido pelo instituto.

E: Gostava muito.

R3: “Olha meu filho! Vocês vão saber que teu pai, teu pai é um homem de nome, está lá estrangeiro”. Era prosa que era danado. Isso eu me lembro. Ele também se lembra.

E2: Ele falava de Oswaldo Cruz?

R2: Oswaldo Cruz ele falava o que?

R3: Muito. Ih, o Dr. Oswaldo Cruz gostava dele, protegia ele.

E2: O Chagas também?

R3: Não tenho mais nada.

R2: E o Chagas, Dr. Chagas?

R: Não, o Chagas não, o Chagas era (inaudível)

R3: Também. Ele pra fora com ele.

E3: Olha aí.

R3: Fazia aquelas fotografias, tinha muito. Mas minha irmã, quando meu pai morreu a minha irmã mandava em tudo, a Zeni. Trabalhou lá, trabalhou lá.

R2: Mas pra fora aonde? Ele foi pra fora com o Doutor Chagas pra onde?

R3: Foi, com uma turma. Foi pra lá.

R2: Pra onde?

R3: Ah, não me lembro! Local não me lembro.

E: Lassance.

R2: Como é?

E: Lassance. Em Minas.

R2: Lassance, ele falava Lassance?

R3: Aquelas (inaudível) de doenças, ele tirou fotografia...

R2: Tinha uma família toda... Que eu me lembro que Wilson comentava isso que tinha uma família toda sem braço.

R: É.

R2: Lembra, Wilson? (Todos falando juntos)

E: Eu conheço essa foto.

R2: Ham?

E: Eu conheço esse caso, de Minas.

R2: É.

R3: Não tenho não, eu dei tudo. Mas em todo caso vou passar uma revista. Eu tenho certeza.

R2: Ela disse que vai dar uma revista lá em cima para ver se acha alguma coisa. É minha filha, o tempo passa, né? Vocês que são jovens, estão começando agora tem que aproveitar.

E: Mas quer dizer que você não lembra desse episódio do carteiro das borboletas, não?

R: Não. Me lembrar... Eu não conhecia, eu já ouvi falar.

R2: Nem sabe aonde que ele morava? Onde é que ele morava, o carteiro?

E: Esse cara ele foi no J. Pinto uma vez, que o pessoal que o conhecia.... Era um carteiro, tinha mania de....

R: É. entomologista.

E: É.

R: Você conheceu, ou ouvir falar do Rocha Lima?

E: Ouvi falar.

R: Entomologista, que dizia palavrão, papai não dizia, eu chegava lá ele perguntava as coisas, eu me salientava, né? Casado pela terceira vez.

R2: É. Está fazendo.... Como é que diz? Experiência também. (Risos)

R: O outro dela também é separado.

R2: O meu também é. Ih, diz que está um rolo danado.

E: Mas hoje em dia todo mundo é assim casa e descasa.

R: Enjoou, acabou.

R2: Vai fazer o que. E você Marcinha?

E2: Sr. Wilson, o senhor estava falando do Carlos Chagas, ele não tinha muita proximidade, o Sr. J Pinto não tinha muita proximidade?

R: Não, de frequentar a casa não.

E: Hum-hum.

R: Mas lá tratava bem, né? Mas é aquele negócio que diz que não existe, mas existe. Até com vocês mesmo hoje, não pode. Quem é o diretor de lá atualmente?

E: O Arouca, Sérgio Arouca.

R: O Arouca, né?

E: É.

R: É o Arouca. O Mauri não falou? Ele agora é delegado, mas ele era colega meu, o Arouquinha. Eu já perguntei para ele se ele tinha... Ele disse não, porque parece, mas não tem aproximação nenhuma, que o Arouca de lá era primo afastado dele...

E: Parece que eles são do interior de São Paulo, né?

R: O Arouca não sei, foi meu colega.... Ele foi... Ele tem curso de Manguinhos, mas antes desse Arouca.

E: Hum.

R: Ele é professor do Pedro II. Walter Arouca.

E: Deve ter algum laço de parentesco.

R: Parece que é primo, não dá bola não.

E2: Senhor Wilson, o seu irmão Milton que foi fotógrafo, ele não tem fotografia guardadas?

R: Não sei. Espera aí. Marieta, coloca o telefone aí que eu vou ver com a Nélia. Dá o telefone aí, liga... Liga pra Nélia. Hoje é segunda ou terça?

R2: Hoje é terça, ela pode atender.

E: O senhor falou que ele está doente, né?

R2: O telefone está ruim.

E: Ele está conseguindo falar assim?

R: Não.

E: Não?

R: (inaudível) Uma vez ele tirou a calota (inaudível) as minhas irmãs se revoltaram, mas eu não sei o que ele fazia. (conversa paralela)

E: Deve ser fisiologia. Não era o Osório de Almeida?

R: Não. Era um nome em alemão

E: O pessoal fazia cada experiência ali bárbara.

R: É. A Marieta uma vez ela foi, você sabe....

R2: Não tem nada, nada?

R3: E aquele, como é que esteve aqui?

R2: Seu Francisco.

R3: Marieta, qual foi aquele senhor que esteve aqui?

R2: Seu Francisco, ele passou por aqui.

R3: Ah, é triste lembrar. Vai lembrando de tudo e chorando.

R: Ele trabalhava lá no (inaudível) eu me lembro.

E: Mas ele era fotógrafo também?

R: Não. O (nome) não, ele era médico.

R3: Eu sou crente. Eu vivo do presente, o resto acabou.

R: Na época eu era novo, naquela época. Vocês conhecem o (nome) também?

E: Não. Não, não sei quem é não.

R: O (nome) trabalhou no laboratório.

E: Não conheci não.

R: Médico. O Dr. Mendes também, né?

E: Conheci, Hermann Mendes.

R: Quando eu cheguei lá uma vez, fui pedir um favor a ele, ele quando soube que eu era filho do J Pinto, ele disse: “Eu não te conheço, mas eu tenho uma amizade por você de tradição, de herança”, que ele falou, e me atendeu no que eu queria. Nunca mais me esqueci dele. Não tenho subsídio nenhum de documentário não. Como fotógrafo tinha meu irmão.

E: Vocês querem levantar o tipo dele. Não tenho nada. Nada, parece má vontade, não tenho nada. Eu não tenho nada, não gosto de guardar nada. Não gosto. É meu, o que eu vou fazer? Isso faz a gente ficar triste. Papai era diferente. (risos) “Você vai se orgulhar do seu pai”. Ele sempre dizia isso.

E: Ele falava muito isso?

R3: Ele era prosa. Ih...

R: (inaudível) como fotógrafo tinha meu irmão.

E: Seu irmão.

R: Meu irmão.

R3: Eu tive um derrame daqui a aqui, na face. O senhor é médico?

E: Não.

R3: Tudo estudante, né?

E, Mas ao menos teve alguma outra pessoa que tivesse trabalhado com ele lá?

R: Não.

E: Não? Era só ele.

R3: Eu tive um derrame daqui aqui, mas não sou muito também de médico, remédio. Agora passei para homeopatia.

E: Não tem ninguém mais vivo que pudesse lembrar de alguma passagem da vida dele?

R: Olha, você se lembra do Leal? Se lembra?

E: Lembro.

R: Foi mencionado. Era o desenhista, Leal.

R3: Estou andando, sou uma velha broto. (rindo)

R: A família dele mora ali.

R3: Ando bastante. Ih, como eu ando. Ando quilômetros.

E: Leal?

R: Leal, não sei o que Leal. Tem alguma lembrança?

E: Não, a gente recentemente....

R: Porque ele trabalhava na parte de desenho, meu pai foi... Ele trabalhava com microscópio, mas no desenho. (R3 continua falando muito juntos).

R3: Não tenho mais nada. Não tenho nada. Até o retrato dele não gosto de olhar, não gosto de lembrar o passado, morreu acabou tudo. Não é que (nome) eu sei que eu sou crente, pentecostal. Eu já fui esotérica, 30 anos.

E: Hum-hum.

R: E era um crânio. O Omar é cunhado dele.

E: Será que eles guardam os desenhos ainda?

R: Não sei. Era fotografia, não sei. Espera aí. O Marieta?

R2: Oi!

R: Apanha aqui. Vem cá.

R3: Segunda geração não quer nada, não tem nada. (Risos de E) Só a primeira.

R2: Que idade ele tinha, lembra? Daquela fotografia.

R3: Papai ainda morreu moço, porque ele não chegou nem nos 70.

R: Eu ultrapassei a idade dele.

R2: Uma fotografia que ele tinha.

R3: Ah! Eu não sei. Basta olhar assim parece que as lágrimas já descem. Não gosto. Não gosto. Nem mamãe, nem papai, não gosto. Eu vivo do presente.

R: Eu sinto falta da minha mãe, mas sinto mais do meu pai.

R3: E a Bíblia manda viver do presente. Não faz mais nada, defunto não faz mais nada, a Bíblia mesmo diz, não faz mais nada.

R: Vai te puxar a perna.

R3: Estão lá dormindo, estão dormindo até...

R: Vou puxar a perna. Se me chatear quando eu morrer, eu vou passar aí para levar. Que não faz. (risos)

R3: Era amigo da família. Comprou uma casinha no Méier, depois deu que ele fizesse a debaixo de sacrifício. Chamava meu pai pão duro, pão duro, pão duro: Olha aqui a casa. E hoje é tudo brigando por causa de casa. Nós não somos nada, não somos dono de nada. Não somos donos de nada. Herança, tudo que manda é Deus. Jeová, Jeová é Deus.

R: Não.

R3: Eu sou pentecostal.

R: A ovelha negra era eu.

R3: Eu podia me lembrar quem tem, ter retrato.

R2: A Lélia.

R3: Quem?

R2: A Lélia que gosta....

R3: A Lélia?

R2: A Lélia gosta.

R3: A Lélia não, a Lélia não tem nada com isso.

R: Cadê aquele retrato da Lélia de bicicleta?

R2: Mas ela tem muita fotografia antiga.

R3: Vai falar para ela? Vai falar para ela?

R2: Não sei.

R: Deixa eu ver uma coisa...

R3: Vai falar para ela?

R2: Não sei.

R3: Esse negócio que guarda, pessoas que guardam...

R2: Sabe outra também? A D. Cícera e o Clelinha devem ter.

R: (Está falando ao telefone acertando sobre a possibilidade dos pesquisadores fazerem uma visita para entrevista).

R3: Que Clelinha! Clelinha não quer mais nada disso.

R2: Não, Dona Cícera.

R3: Clelinha não quer mais nada não, Clelinha o caso dela é outro.

R2: Não, minha filha, ela guarda muitas fotografias.

R3: Está doente, está impotente, ela agora...

R2: Ih...

R3: Também só ia lá quando precisava examinar, ou ficava doente.

R2: Carrinho que ela chama é aquela jardineira.

E3: O que a senhora lembrava de lá, o que a senhora via lá?

R3: Ah, aquilo ali era muito triste.

E3: É?

R3: Os bichinhos... Eu falava: "Ih, papai, não venho mais aqui não, não gosto não.

E3: Seu pai gostava disso. Você está melhor?

R: Graças a Deus. Espera aí que você vai falar com um deles aqui porque se interessar eu vou aí com eles. Espera aí. É o Omar.

E: Ah, papai ficou toda a vida ali.

R: É o Omar.

E: Alô, sr. Omar, nós estamos aqui sr. Wilson conversando sobre o J Pinto e ele fez referência ao Leal. (falando todos juntos).

R3: Botou os dois filhos lá.

R2: Era o Milton e o Wilson.

R3: Ele era muito estimado ali pelos médicos. Aquela chaminé ele atravessa, ia lá em cima. O pessoal ficava: “O Pinto sai daí”. Ele com a fotografia, quando ele ia com a máquina.

R2: Ele gostava da profissão dele.

E: Ele foi desenhista de Manguinhos, né?

R: E o Leal trabalha também lá.

E: Ah é? Com o J. Pinto. E me diga assim, o senhor lembra de histórias deles? Lembra?

R: Do Leal, o Leal...

R3: Vocês acham que nunca tiveram um retrato, nem dele?

E3: Não, dele não.

R3: Não?

E3: Não. Por isso que a gente está querendo saber mais coisas.

E: Mas o Antônio Leal ele (Inaudível)

R: É. Era. Vinha aqui. Mas é muito. Muitas vezes veio aqui, almoçava com a gente.

E: Era vivo, né? E ele ficou muito tempo lá em Manguinhos?

R3: Não conseguiu nada, nada, nada.

R: Eu vou ligar para a Lélia pra ver se ela tem alguma fotografia. Tem o telefone da Lélia?

R2: Eu rasgo tudo. Não quero saber de nada, isso não vai me interessar mais nada. Uma velha. (Rindo) Não quero saber de nada.

E3: Mas a senhora tem uma lembrança boa, não tem? Orgulho dele, não é?

R3: O que?

E3: A senhora não é orgulhosa do que ele foi?

R3: Ah não. Nada não.

E3: Não, a senhora não entendeu?

R2: Ela está dizendo que você não guarda nada, mas tem orgulho dele ser um homem bom, correto.

R3: Ah! Meu pai era muito... Ele gostava muito da família. “Olha, meu filho...” Qualquer coisa ele falava: “Eu quero ver o que você e o...”. Ele falava sempre.

R: Ele zelava muito pela virgindade delas.

R2: Pelas virgindades. (Risos)

E: Quer dizer então, que o senhor não lembra muito não da experiência profissional dele....

R3: Ah, papai com ele era um caso sério.

R: Eu caí na porrada, não foi? (Risos)

R3: Dois polos, quando se tocavam.

E3: Era diferente?

R3: Dava curto-circuito. Ele com o papai era curto-circuito. Comigo também dava curto circuito.

R2: Aí ele dizia assim: “Eu tenho que sair atrás dele pra bater.”. Quebrava tudo que era encanamento da casa.

R3: Eu gosto é de orar.

R2: Né Wilson? Aí seu Pinto: “Meu filho, anda direito pra não dar motivo...”

(Inaudível falam juntos)

R3: Está assim agora.

E: A gente está assim recolhendo as histórias de vida das pessoas que trabalharam em Manguinhos.

R3: Não tem salvação não.

R: Isso era a expedição, né? Do que eu me lembro ali era puxa-saco do meu pai, trabalhava junto, naquele espaço. E uma vez um companheiro aí. “Como é que vai seu pai?”. Aí aquela coisa que você não quer ofender, mas diz, né? “Ele é um bom filho da...”. Ele foi contar para o meu pai. Eu tinha uns 12 anos, e eu tinha aquela vaidade de criança, de ser homem. E aí o velho chegou em casa e disse: “Vem cá, você xingou a minha mãe?”. Aí eu disse: “Eu não”. Aí pronto, aí ele: “Seja homem!”. Eu digo: “Bom...” Quando eu disse: “Bom, eu disse...”. Foi a primeiro tapa na cara que eu levei. O velhinho não era mole não. Eu não dava muita confiança não. Eu que lembrei agora, quando ele ficou doente, coitadinho, né? Eu botava retrato de mulher nua, eu dizia a ele que era pra levantar a moral. Eu sempre fui esculhambado, sempre. Eu, por exemplo, eu tenho boca suja, mas não sou imoral. Eu digo besteira, porque tem que dizer mesmo. Mas não era esculhambado. Eu, por exemplo, eu sou boca suja, mas não sou imoral não. Não.

R2: (inaudível)

R: É tudo besteira, porque fui policial, aquela vida, né?

R2: Eu explicava, que a fé, a natureza...

R: Um dia eu soltei um palavrão lá, e padre, né? Quando eu vi, soltei um palavrão, aí o padre.... Quando eu vi: “Ô, reverendo! Desculpa!” Ele: “Não liga, não, o padre.”. Outra vez foi um rapaz também, eu disse uma besteira lá, perto da mãe dele que eu estava como escrivão ele... eu fui de tudo. Eu falei muita besteira.

Final da entrevista – Não há gravação do lado B